

USOS ONLINE DAS CRIANÇAS:

O Que as Entusiasma e o que Receiam na Rede

MARTA NEVES

ISCTE – INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DO TRABALHO E DA EMPRESA
FCSH – FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS, UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Resumo

O que torna a internet numa tecnologia atraente para as crianças? O que as leva a “ligar-se” e a eleger determinadas actividades em detrimento de outras? Como tem evoluído a composição deste catálogo de usos preferenciais e em que medida idade e género introduzem diferenças na sua composição?

Neste artigo procura-se dar um contributo para a reflexão sobre os usos online dos mais novos recuperando conclusões de um estudo qualitativo realizado em 2008 junto de um grupo misto de crianças entre os 8 e os 13 anos, activas utilizadoras da internet. Neste contexto, averiguaram-se os momentos de iniciação ao online e evoluções subsequentes, identificaram-se as actividades de eleição e as encaradas como mais arriscadas, considerando as clivagens trazidas pelo género e idade. Inquiriu-se ainda se a percepção de risco online estava presente no discurso dos inquiridos e como se reflectia na forma como se envolviam com a Web.

Palavras-chave

Crianças; internet; Serviços de Comunicação online; Literacia Digital.

O Protagonismo dos Mais Novos no Acesso e Uso da internet

“Actualmente, crianças e adolescentes são, a vários níveis, os utilizadores que definem os media digitais, incluindo a internet”, observava Patty Valkenburg, em 2001 (Valkenburg, 2001: 654)¹. Volvida quase uma década, esta constatação mantém intacta a sua actualidade e pertinência. Com efeito, a disseminação da internet e o modo como se tem instalado nos quotidianos é um processo em aberto e cada vez mais intenso em que crianças e jovens têm assumido protagonismo, tanto ao nível do acesso (Livingstone, 2007, 10: 5) como do uso (Valkenburg e Peter, 2007: 3).

1. Estes sugeriam que os adolescentes passavam mais tempo online que os adultos e que usavam mais frequentemente o e-mail, telemóveis os serviços de mensagens instantâneas.

Ao comparar os Eurobarómetros de 2006 e de 2008, veja-se como o primeiro indicava que metade das crianças com menos de 18 anos navegava na internet, actividade que tendia a iniciar-se cada vez mais cedo e a aumentar exponencialmente com a idade (Ponte, C., e Candeias, C. 2007: 5); pouco tempo volvido, o segundo revia estes valores ao avançar que $\frac{3}{4}$ das crianças entre os 6 e os 17 anos já teriam acedido ao online, confirmando a difusão crescente da internet entre os mais novos².

Em Portugal, e de acordo com o relatório final do estudo E-Generation³, a grande maioria dos jovens inquiridos começaram a utilizar cedo a internet, a partir dos 10 ou 11 anos, sendo previsível que a idade média dos primeiros acessos tenda a diminuir (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007: 395). Noutro retrato recente sobre a realidade portuguesa ao nível das relações entre crianças e internet, a pesquisa coordenada por Ana Nunes de Almeida confirma que as “taxas de utilização são especialmente elevadas entre os grupos etários mais jovens e escolarizados”. (Almeida, Delicado e Alves, 2008: 12). Neste âmbito, os autores chamam a atenção para o facto de a apetência natural dos mais novos para as ferramentas tecnológicas estar a ser fortemente estimulada por políticas governamentais⁴.

Falar, Jogar, Aprender, Partilhar...

O que dizer dos usos preferenciais e apropriações que os mais novos fazem da internet? Sobre o contexto português, o estudo E-Generation conclui:

“Se perguntarmos a um jovem o que está a fazer na internet, a grande probabilidade é que esteja a visitar páginas Web, a comunicar num chat ou no Messenger ou a ler o seu correio electrónico. Contudo, jogar online ou efectuar descarregamentos de música, software ou filmes são também práticas relevantes para uma fracção superior a 40% dos jovens inquiridos online. Quanto

2. Em países da Europa, entre os quais Portugal, este capital de utilização intensiva do online por crianças e jovens coloca-os em situação de superioridade em relação aos adultos, abrindo caminho para clivagens digitais difíceis de ultrapassar (Livingstone, 2007: 31).

3. Estudo desenvolvido pelo CIES/PT.com que congrega dados sobre os usos da internet por crianças em Portugal, entre os 8 e os 12 anos, obtidos por uma dupla via: através de um inquérito nacional realizado presencialmente, juntamente com outro, colocado online.

4. Recorde-se a ênfase posta no Plano Tecnológico da Educação concretizado no programa e-escolas e e-escolinhas, este último associado à Iniciativa Magalhães.

aos conteúdos que procuram na rede, a música surge à cabeça, seguido dos jogos, das informações desportivas e relacionadas com software e informática. Os conteúdos noticiosos, educativos, culturais e referentes a hobbies são os menos populares” (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007: 395).

Este estudo identificou diferenças de uso em função da variável género:

“Jogar online, descarregar música, software ou filmes e participar em fóruns ou grupos de discussão são actividades mais populares entre os jovens do sexo masculino do que entre as internautas. São também os rapazes, os que mais procuram informação na rede sobre desporto, jogos, software e informática, enquanto as jovens internautas tendem a procurar conteúdos culturais, educativos e relacionados com música” (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007: 395).

As actividades online também diferem em função das idades:

“... Há uma maior fracção de jovens mais velhos que privilegiam a comunicação mediada por computador, seja por chat ou Messenger, correio electrónico ou através de fóruns ou grupos de discussão, que visitam páginas na Web, fazem compras online e descarregam música, software e filmes da rede; os mais novos inclinam-se mais para os jogos online e isso reflecte-se no tipo de conteúdos que procuram na internet. Já os respondentes dos 16 aos 18 anos mostram um maior interesse por conteúdos sobre música, software e informática, hobbies, noticiosos e culturais”. (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007: 395-396).

O estudo “Crianças e internet” (Almeida, Delicado e Alves, 2008), mais recente, confirma em termos gerais os dados avançados sobre o contexto nacional: - A pesquisa de informação, para trabalhos escolares ou sobre temas de interesse pessoal, destaca-se como principal uso para a maioria das crianças inquiridas. Seguem-se as utilizações associadas à vertente comunicacional (email e instant messaging). Os usos lúdicos fazem parte das preferências mais mencionadas relacionando-se com o download de música e os jogos. As actividades que colhem menos adesão remetem para a resposta a questionários e a votar em sondagens ou assinar petições (Almeida, Delicado e Alves, 2008: 85). Por outro lado, através da análise dos sites que as crianças frequentam obtém-se a seguinte ordenação: páginas com vídeos: 85%; páginas

de videojogos: 80%, páginas d redes sociais: 62%. (Almeida, Delicado e Alves, 2008: 93). Também foram evidenciadas bastantes variações nas preferências por género: as raparigas acedem sobretudo a páginas de redes sociais, educação, artes e espectáculos; enquanto isso, os rapazes associam a sua prática online mais aos vídeos, a páginas de desporto e de informática. Em termos da variável idade as crianças mais velhas evidenciam-se pela sua maior frequência de navegação em quase todas as categorias de sites dando especial atenção sites de vídeos, redes sociais, notícias e serviços (Almeida, Delicado e Alves, 2008: 95).

Quando a internet Serve para Comunicar

Os vários enfoques apresentados sobre as actividades preferenciais que os mais novos associam à internet evidenciam, entre outros aspectos, o relevo da vertente comunicacional. Ao longo da última década tem-se assistido a modificações na função que esta tecnologia tem assumido para as crianças e jovens, como referem Valkenburg e Peter: “Em 1999 as crianças usavam a internet principalmente por divertimento e para procurar informação”, recentemente as suas preferências actualizaram-se em favor da comunicação interpessoal (Valkenburg e Peter, 2007: 3). Segundo Clark, os mais novos representam a geração do contacto constante (Livingstone, 2006: 12), para quem é essencial estar permanentemente disponível e assegurar uma interacção em tempo real com os amigos das relações offline (existing friends) (Valkenburg e Peter, 2007: 4); aí reside a mais-valia da internet para crianças e jovens. Livingstone sublinha estas ideias ao observar que a internet funciona como agregador da comunicação a dois níveis que se julgava separados: o das redes de relações online e offline. (Livingstone, 2003: 151).

Não obstante, esta valorização da internet enquanto ferramenta de comunicação pelos mais novos escapa aos adultos. Focando a atenção nos usos socialmente aprovados e desejáveis para o online sob a perspectiva dos mais velhos, é notória a tendência para superlativar a aprendizagem e a educação como as grandes oportunidades franqueadas pela internet. É nesta dupla utilização que os pais sustentam a razão de ser para o investimento num acesso à internet no espaço doméstico (Livingstone e Bober, 2004: 405). Contudo, na perspectiva de crianças e adolescentes são bem mais aliciantes as actividades ligadas à comunicação interpessoal (Livingstone e Bober, 2004: 406).

No caso português, o estudo E-Generation evidencia também esta grande amplitude que o uso dos serviços de mensagens instantâneas como o Messenger assumiu no contexto nacional (Cardoso, Espanha e Lapa, 2007: 392). Em termos etários, os inquiridos mais velhos são os seus maiores utilizadores; já entre os respondentes mais novos o uso do MSN tende a decrescer, não se verificando grandes discrepâncias ao nível do género (Cardoso Espanha e Lapa, 2007: 393).

A comunicação online revela-se um conceito multidimensional (Valkenburg e Peter, 2007: 7), o que permite tirar partido da multiplicidade de plataformas disponíveis como o chat, os serviços de Instant Messaging (sIM) ou as redes sociais. Com especificidades próprias (Prestes, 2005; Fernandez, 2006: 19-54), aqueles possibilitam a implementação de diferentes tipos de comunicação. Atente-se às salas de conversação e aos serviços de mensagens instantâneas: se bem que ambas as tecnologias fomentem uma comunicação síncrona e de natureza privada, os chats abertos propiciam frequentemente uma interação anónima entre parceiros desconhecidos (Valkenburg, 2007: 8); enquanto isso, os sIM envolvem o inverso, pressupondo a comunicação não anónima entre pares que já se conhecem (Valkenburg, 2007: 4)⁵. Enquanto o chat é mais usado para criar relações, os sIM são tipicamente empregues para as manter (Peter e Valkenburg, 2007: 8; Livingstone, 2007: 7).

Fenómeno mais recente mas de efeitos avassaladores na área da comunicação interpessoal online é o protagonizado pelos sites de redes sociais (SRS), (Valkenburg et al., 2006: 3, Lenhart e Madden, 2007: 1)⁶. Desde o seu surgimento, SRS como o Facebook, Bebo ou Cyworld têm atraído milhões de utilizadores que os integraram nas suas práticas quotidianas (Boyd e Ellison, 2007: 2). Perfis, listas e comentários são as categorias-chave que estruturam o conceito de redes sociais (Boyd e Ellison, 2007: 2-5). Segundo Boyd e Ellison, a maior parte dos sites de redes sociais sustentam relações sociais preexistentes, dimensão que diferencia os SRS de outras formas iniciais de comunicação pública mediada por computador, como os news-groups (Boyd e Ellison, 2007: 2). Esta mesma noção, de que a rede de contactos on-

5. (...) tecnologias de comunicação online, como os sIM, encorajam a comunicação com amigos existentes. De acordo com estes autores, a maior parte do tempo que os adolescentes passam sozinhos com o computador serve para fortalecer amizades já existentes (Gross, 2004; Subrahmanyam, Kraut, Greenfield & Gross, 2000; Valkenburg & Peter, 2007).

6. Na Holanda cerca de um quarto dos adolescentes é actualmente membro de um ou mais deste tipo de sites (Valkenburg, Peter e Schouten, 2006:13). Nos EUA, um estudo de 2007 levado a cabo pela Pew internet & American Life Project revela que 55% dos jovens americanos utilizadores da internet, entre os 12 e os 17 anos estão registados em sites de redes sociais (Lenhart e Madden, 2007).

line vai replicar a rede de contactos offline, é evidenciada nas descrições de outros autores (Valkenburg, Peter e Schouten, 2006: 3). Neste contexto, a expressão mais adequada para transmitir esse entendimento será, segundo Danah Boyd, social network sites em vez de social networking sites como forma de enfatizar a articulação das redes online e offline:

“O que confere singularidade aos sites de redes sociais não é o facto de estes possibilitarem que os indivíduos conheçam estranhos, mas antes por permitirem que os utilizadores articulem e tornem visíveis as suas redes sociais.”
(Boyd e Ellison 2007: 3).

Crianças e internet: Um Estudo de Caso

A segunda parte do artigo é dedicada à análise de elementos provenientes de uma investigação sobre crianças, internet e risco online, realizada em Portugal. Para o presente âmbito recuperam-se daí três conjuntos de elementos: 1) os contextos de iniciação ao online e suas evoluções subsequentes; 2) o conjunto das actividades online preferidas pelas crianças; 3) e o elenco dos usos online associados a riscos na perspectiva dos mais novos. Refira-se ainda que a análise proposta irá perspectivar os pontos enunciados em função das variáveis género e idade.

Estruturação Metodológica

Conhecer as opções metodológicas tomadas e a razão subjacente às mesmas equivale a compreender a espinha dorsal deste trabalho. Dado o interesse em reflectir sobre as crianças envolvendo-as com protagonismo neste processo, optou-se por um trabalho exploratório⁷ fundado numa metodologia qualitativa (Morgan, forthcoming; Campbell e Holland, 2005; Neuman e Kreuger, 2003). Assim, levou-se a cabo uma pesquisa empírica a partir de entrevistas individuais semi-directivas, realizadas a uma amostra singular, quer pelo número de elementos envolvidos, 20 crianças de classe média apenas, quer pelos critérios da sua selecção: por conveniência e de

7. A natureza exploratória do projecto revelou-se a opção mais ajustada face aos meios logísticos e ao tempo útil para investigar.

acordo como princípio da bola de neve. Em termos práticos a amostra em causa poderá fornecer um retrato aproximado da classe média portuguesa. A distribuição geográfica dos inquiridos circunscreveu-se a centros urbanos do litoral (Lisboa e Faro). As entrevistas sucederam-se durante o mês de Abril de 2008.

A amostra incluiu um grupo de crianças e jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, com o fim de estabelecer o termo de comparação entre comportamentos e reacções dos dois segmentos etários face às mesmas situações. Além disso, tendo presente que os primeiros usos da internet ocorrem em idades cada vez mais jovens, foi essencial a participação de crianças a partir dos 8 anos de idade, opção que exigiu a ponderação de problemas éticos que o tratamento do risco online junto dos mais jovens suscita (Lobe, Livingstone, Haddon, 2007: 19). A composição mista da amostra (tanto quanto possível) foi outra variável que interessou observar, em nome de possíveis diferenças de comportamento entre crianças e adolescentes do sexo masculino e feminino nas relações que estabelecem com a internet. (Valkenburg e Soeters, 2001: 654)⁸.

Sublinhe-se que crianças e jovens entrevistaram como sujeitos activos e participantes; nesse sentido foram ouvidos sem mediações, pensando-se em conjunto com eles. Este envolvimento pró-activo dos mais novos na pesquisa foi pautado por um conjunto de coordenadas éticas precisas em nome da prevalência dos interesses das crianças sobre os demais⁹. Em articulação directa os métodos empregues foram definidos com vista a tirar o máximo partido desta colaboração com os mais novos, o que na prática deu lugar a uma parceria na autoria desta investigação. Para o efeito estruturou-se uma entrevista individual cujo guião previu diversos momentos para abordar os vários temas, empregando materiais e exercícios específicos para cada um deles (alguns criados de raiz, outros replicados e adaptados de estudos congéneres). Contemplaram-se ainda espaços propícios para ouvir livremente os inquiridos sobre os aspectos em análise.

8. Na prática no segmento dos 8-10 anos incluíram-se 6 crianças do sexo feminino mais 4 crianças do sexo masculino. O segmento 11-13 anos integrou 4 adolescentes do sexo feminino e 6 adolescentes do sexo masculino.

9. Neste ponto em concreto declara-se a influência directa das linhas metodológicas do projecto UK Children Go online

Exercícios de Investigação e Resultados Alcançados

Segue-se a exposição das utilizações da internet mais valorizadas pelas crianças para depois se dar a conhecer quais destas actividades online lhes despertam uma percepção do risco. Estes elementos serão apresentados à luz das variáveis género e idade. Termina-se com uma sugestão de perfis de usuários da internet sob a noção de risco.

Temáticas em Panorâmica

Neste título fornece-se uma panorâmica geral sobre cinco temáticas expressivas de hábitos online dos inquiridos. A partir dessa informação foram desenhados cinco grandes temáticas em panorâmica a saber: 1) Iniciação ao uso da internet; 2) Actividades preferenciais das crianças na rede nas suas vertentes lúdica e comunicacional; 3) As utilizações da internet em casa e a sua supervisão; 4) Acesso e uso da internet na escola e a sua supervisão; 5) Caracterização das famílias em relação aos media e à internet em particular.

Dos dados assim sistematizados importa extrair algumas observações.

Em geral, estas crianças começam a aceder e a usar a internet a partir dos 6-8 anos. São sobretudo movidas pela sua curiosidade natural e pelos exemplos familiares veja-se o que a esse respeito diz a Júlia (7 anos): “Tinha visto a mãe a andar na internet e fui experimentar”, confirmando a influência indirecta da progenitora. Os pais das crianças inquiridas, na generalidade info-incluídos e utilizadores recorrentes das TIC no âmbito dos respectivos desempenhos profissionais, tomam a iniciativa de promover a literacia digital dos filhos: “Eu queria ir (à internet) e o meu pai queria ensinar-me”, recorda a Luísa (10 anos).

Sublinhe-se que nestes momentos de iniciação as crianças manifestam elevada permeabilidade e receptividade a ensinamentos dos mais velhos, neste caso os pais e os irmãos/primos mais velhos. O Paulo (10 anos) é exemplo disso: “O meu pai ensinou-me a ir aos sites e a escrever as letras e as coisas que eu não percebia” (...). Este menino menciona ainda a prima, bem mais velha, que lhe criou a conta no MSN quando tinha 9 anos e ainda o irmão de 13 anos com quem hoje costuma navegar e que lhe mostra os vídeos que saca da Net. Já as primeiras experiências online da Cláudia (12 anos) deveram-se ao irmão mais velho: “Eu via o meu irmão a mexer no computador (no MSN) e perguntei-lhe o que é que era e ele criou-me um, tinha 8 anos”.

É também evidente que a partir dos 9-10 anos se operam mudanças no que respeita aos companheiros de eleição com quem os mais novos navegam; nesta fase as crianças dão os primeiros sinais de autonomização em relação aos progenitores, algo que se acentua em definitivo na adolescência. Em contraponto, irmãos e ou primos mais velhos mantêm intacta a sua esfera de influência durante este período das suas vidas. A estes somam-se os colegas e amigos.

Os termos em que as crianças se referem à mediação parental dão a ideia de que em geral esta é pouco restritiva. Na prática, consubstancia-se sobretudo na determinação do tempo que as crianças podem estar online sendo menos focada no que elas podem fazer e nos conteúdos a que podem aceder quando navegam. A Camila (9 anos) faz parte do número restrito de crianças que tem de pedir autorização para aceder à Net: “Telefone ao meu pai a perguntar se posso ir. Se o meu pai disser “Sim” eu vou. Aos fins-de-semana vou e o pai quando achar que chega diz que chega... ao fim de meia horinha...” sem fazer qualquer menção a limites relacionados com os conteúdos. Situação idêntica verifica-se com a Lúcia (9 anos): “A mim o meu pai só me deixa jogar um bocadinho senão gastamos muita internet (...) 15m”. Veja-se ainda a Cláudia (12 anos): “Durante a semana, quando tenho que estudar, a minha mãe de vez em quando diz que estou há muito tempo no computador, a partir dos 40 minutos”. Verifica-se também que a supervisão é mais intensa sobre os filhos mais novos, tendendo a afrouxar à medida que estes crescem. Contudo, os adolescentes são quem protagoniza mais situações arriscadas na rede.

Quando as crianças mais velhas utilizam a internet em casa, os pais não costumam estar presentes fisicamente; já as mais novas são objecto de mais algum acompanhamento. (...) “Mas às vezes (os pais) também vão ver o que estou a fazer...” Esta frase do Nuno (12 anos) ouviu-se de quase todos os inquiridos. Outra observação comum, que perpassa várias idades é expressa nas palavras da Margarida (12 anos): “Eles vêm ver o que estou a fazer, mas já sabem onde vou, porque já viram, eu já contei”.

As crianças mais velhas, por seu lado, referem que os pais lhes transmitem conselhos, fazem chamadas de atenção, como acontece como a Isabel de 13 anos: “(No hi5) a minha mãe não me obriga a fazer isto, mas dá-me conselhos para eu não dar a minha idade certa”. O André (13 anos) resume: “Eles (os pais) dizem algumas regras, não é? Mas também não me vão dizer que eu não posso ir a um certo sítio. Mas, claro, avisam-me para eu não ir a sites perigosos e para não pôr informações na internet”. Algo semelhante é o discurso do Francisco (12 anos), se bem que a tónica recaia sobre

a possibilidade de danificar o hardware: “Tenho recomendações dos pais para não visitar sites que não conheço por causa dos vírus e dessas coisas que podem estragar o computador”. O cenário de proibições expressas é pois quase excluído entre as crianças mais velhas e verifica-se ocasionalmente entre as mais novas. Nalguns casos ainda, as crianças dizem conhecer implicitamente o que os progenitores não querem que elas façam; atente-se na Laura (13 anos), que não conhece quaisquer limites temporais mas que em relação aos conteúdos por onde navega desabafa: “Eu sinto o peso na consciência e sei que não posso ir a alguns sites”. Na mesma linha vêm as preocupações do André (13 anos): “Às vezes chego a estar duas horas na internet e também acho que isso até é mau e começo a sentir um peso dentro de mim...”.

Ao avaliar o impacto da escola na promoção de valências digitais, verifica-se que os inquiridos mais novos não contestam os ensinamentos ou orientações vindos dos professores mas o mesmo já não se passa com os entrevistados adolescentes.

Quanto à supervisão do acesso e uso da rede em ambiente escolar, a quase totalidade dos inquiridos descrevem-na como bem mais limitada e cerceadora do que em casa (espaço de eleição quase unânime), sem grande margem para explorar as oportunidades da rede. Em suma, a orientação emanada das escolas apresenta-se pouco vocacionada para uma utilização segura da rede. A propósito do acesso ao online na escola, o Diogo (11 anos) queixa-se: “Usamos a internet mas é condicionado e não podemos ir a outros sites. Dizem-nos sempre ‘Só podem usar a internet para trabalhar’” e por isso conclui: “A gente em casa somos mais livres”.

Por fim, na opinião dos entrevistados a figura paterna destaca-se a dois níveis: é ele o grande conhecedor de temas relacionados com as TIC e a internet; aos olhos das crianças mais novas, o pai é também o principal utilizador do online no espaço doméstico. Já as crianças mais velhas, elegem-se a elas próprias, nesse mesmo papel, muitas vezes lado a lado com o pai ou com irmãos mais velhos. Exemplar é a descrição da Camila (9 anos): “Ele (o pai) é que está lá sempre metido, ele é que vai lá (à internet), ele é que sabe mais. A mãe é que não sabe muito...”. As mães são mencionadas residualmente neste mesmo nível de conhecimentos do online e de prática em casa, sobretudo por filhos de pais separados que vivem com as mães, como é o caso do Henrique (8 anos) que desabafa: “Às vezes ela (a mãe) quer mostrar-me programas, eu não quero ver mas ela insiste! É capaz de me desligar a televisão! Mas eu não quero ver os programas!”.

Uma referência final às actividades preferenciais das crianças na rede, relacionadas com a vertente lúdica e comunicacional. Neste plano, constata-se que o recurso ao MSN

e a chats com amigos reais é enfatizado pelas crianças. A sua adesão, maioritária entre os 8 e os 10 anos, é absoluta entre os 11-13 anos, não existindo clivagens de género na faixa 8-10 anos. Entre os mais velhos, os adolescentes do sexo masculino distinguem-se das raparigas na medida em que todos os seus elementos enfatizam este uso.

O Hi5, também com um uso cimeiro, ganha projecção a partir dos 9-10 anos, ligado ao claro desejo de socializar que começa a irromper nestas idades. A Camila (9 anos) fala em nome dela e da irmã de 10 anos: “Não usamos o hi5” E acrescenta enfaticamente ... “Ainda!” Para rematar: “Há uns colegas meus que têm mas aldrabam a idade!” Já o Hugo (10 anos), que tentou inscrever-se nesta rede social apesar de não ter sido bem sucedido, é muito expedito a explicar o que mais o alicia no hi5: “É poder conhecer pessoas!”. Entre os 11-13 anos verifica-se uma difusão quase absoluta do hi5 sublinhada por jovens de ambos os sexos.

As salas de conversação abertas são o serviço de comunicação online menos considerado por estas crianças. O conhecimento e o uso rarefeito observados prendem-se com o facto de o contacto com estranhos na rede ser o tipo de comunicação que os inquiridos dizem mais rejeitar. Apenas quatro em 20 inquiridos acederam a chats abertos, sendo que três o fizeram involuntariamente através de jogos. Apenas a Margarida (12 anos) assume abertamente ter querido aceder a um chat: “Eu já tentei (...) Não é uma boa experiência porque às vezes gozam connosco e porque há pessoas que são um bocado perigosas e um bocado perversas... eu dizia ‘Olá’ e eles respondiam: ‘Vamos lá passar ao que interessa, dá-me o teu email, vou mostrar uma foto minha’ e depois diziam coisas mais ... mais chocantes, sim! E eu ia-me embora, claro que sim, nunca mais tentei um chat”.

Quase todos os inquiridos manifestam ter incutida a noção de risco online e saber distinguir as diferentes formas e graus de intensidade que este pode tomar em função do serviço de comunicação online em causa. Em geral as crianças também dizem saber lidar e contornar cada risco específico para o MSN, Hi5 e chats abertos: entre os 8-10 anos, as crianças sabem explicitar minimamente estas noções, ainda que por vezes com algumas imprecisões; veja-se o Henrique (8 anos) e as suas desconfianças em relação ao MSN: “Às vezes, quando estamos no MSN, raramente, há pessoas que estão a ouvir, aparecem lá pessoas no meio”. Muito curioso é o que diz o Mário (9 anos), um menino absolutamente adverso ao uso de instrumentos de comunicação online mas com conhecimentos. Sem ter sido induzido a isso, a meio da sua entrevista, a propósito do hi5 lança para o ar: “Nunca se metem fotografias (...) Algum ladrão pode ver e vir à procura de nós”.

Os mais velhos não hesitam em recorrer a estratégias engenhosas para “enganar” o risco, como acontece com o Rafael (11 anos) e ao seu plano futuro para se expor o menos possível no hi5 “Eu gostava de ter hi5 Não tenho mas sei que tem perigo... Eu punha uma fotografia do Cristiano Ronaldo; assim ninguém me via!”. O mesmo raciocínio encontra-se no André (13 anos): “(o hi5) claro que é seguro se não pusermos certas informações (...) tenho fotografias mas no sítio onde vivo não ponho Lisboa, ponho Zimbabué (...)”.

Dos 11-13 anos, a exposição dos adolescentes é bem mais elaborada e fundada na experiência, se bem que se note uma divergência entre o que dizem dever fazer e o comportamento adoptado, por vezes arriscado.

Segundo os inquiridos, a noção de risco interiorizada foi-lhes transmitida pelos pais, amigos, irmãos e primos; também indicam os meios de comunicação social e a acção das autoridades policiais. Entre os mais velhos alguns referem que esta é uma noção que desenvolveram naturalmente, na medida em que são pessoas bem formadas e atentas e daí que concluem estar preparados para lidar com os riscos online. A Cláudia (12 anos) passa em revista os cuidados que tem para justificar a sua efectiva segurança online: (...) “Porque eu a chats não vou; e quando estou no MSN só falo com pessoas que conheço por isso não podia ser assediada na Net por desconhecidos (...) Acho que com as precauções não nos vai acontecer nada”. Mais novo, o Hugo (10 anos) escuda-se atrás dos conhecimentos e advertências feitos pela progenitora como garantia para uma navegação segura: “Se eu fizer o que a minha mãe diz não há problema”.

As Actividades Mais Valorizadas Na Rede

A partir de uma lista de 15 actividades online, pediu-se aos inquiridos que as elenkassem tendo em conta aquelas que conheciam, usavam e valorizavam. Deste exercício obteve-se uma lista dos 10 usos online mais valorizados. É disso que se dá conta, indicando ainda as variações por género e idade.

Assim, em primeiro lugar surgem a pesquisa de informação como parte do trabalho da escola e os jogos online como as utilizações mais populares entre crianças e jovens (indicadas por 19 inquiridos num universo de 20). Segue-se o uso de mensagens instantâneas (MSN)/entrar/participar em chats com amigos. A terceira posição é partilhada pela pesquisa de informação sobre assuntos que interessam/navegar

por diversão e ainda ter uma conta de correio electrónico/trocar emails. Descarregar músicas, filmes, vídeos, jogos e outros ficheiros vem em quarto lugar. No quinto posto encontram-se, lado a lado, a partilha de fotos e a criação de blogues/páginas de entrada pessoais e a colocação online (posting) dos próprios textos. Em sexto lugar, surge a partilha de ficheiros de música, filmes, vídeos, jogos. No sétimo posto, classificam-se a leitura e resposta a blogues/páginas de entrada de amigos e a realização de chamadas telefónicas através da internet, respectivamente. A participação em concursos online e a entrada em salas de conversação abertas são utilizações confirmadas na oitava posição. No nono lugar perfila-se a leitura e resposta a blogues/páginas de entrada de desconhecidos. Descarregar toques/imagens é remetido para o décimo e último lugar.

De acordo com a classificação apresentada, os usos online mais considerados pelos inquiridos vêm relevar a vertente educativa, lúdica e comunicacional da internet, coincidindo em geral com tendências já identificadas (Cardoso, 2007; Bringué, 2007). Para a esfera das actividades online mais desvalorizadas¹⁰, a provocar uma adesão residual dos inquiridos, remetem-se usos susceptíveis de abrir caminho a situações de risco online, como as burlas comerciais ou os contactos indesejáveis com estranhos.

Se se analisar as actividades preferidas em função da variável idade, constata-se que o leque de usos indicados como fundamentais cresce com a idade, quer em quantidade quer em variedade e complexidade.

Entre os 8-10 anos, os usos indicados pelas crianças como mais populares remetem para as vertentes lúdica, educativa e comunicacional da internet que se instalam entre os hábitos online nas idades mais jovens com algum destaque.

O segmento etário 11-13 anos também incorpora os usos estimados pelos mais novos. Contudo, as prioridades modificam-se ligeiramente, com a perspectiva comunicacional a ser um pouco mais reforçada, emergindo entretanto a tendência para os adolescentes se assumirem como sujeitos activos na sua relação com a internet, produtores dos conteúdos que lançam para a rede por via dos quais interagem e estabelecem as suas redes de relações online, sobretudo com os seus pares de sempre.

Em favor destas tendências, confluem uma aprendizagem digital acumulada desde a infância, a curiosidade própria desta idade e o desejo de quebrar limites e explorar outras oportunidades, nem sempre consideradas como tais pelos adultos.

10. Descarregar toques e imagens para telemóveis, ler e responder a blogs/homepages de desconhecidos e a entrada em salas de conversação abertas juntamente com a participação em concursos online.

Ao procurar uma nova leitura das actividades preferidas pelos inquiridos, a partir da variável género, também se descobrem algumas diferenças, ainda que pouco vincadas.

Em geral, as crianças do sexo feminino indicam um maior número de utilizações online, tanto entre os 8-10 anos (apesar de ser ligeira a diferença que separa as meninas dos meninos) como dos 11 aos 13 anos (existindo um distanciamento mais vincado das raparigas face aos rapazes).

Quanto à natureza dos usos seleccionados, crianças de ambos os sexos coincidem no fundamental, verificando-se ligeiras divergências. Entre os 8-10 anos, os usos eleitos por meninos e meninas remetem para as componentes lúdica, educativa e comunicacional. As meninas são ligeiramente mais centradas nesta última valência que os meninos. Estes diversificam também um pouco, ao incluírem nos seus hábitos a pesquisa livre pela rede e o download de diversos conteúdos. Por fim, só as meninas tendem a enfatizar os usos que fazem, pois os meninos raramente o fazem.

Na faixa 11-13 anos, rapazes e raparigas adoptam comportamentos online também muito próximos, separados por pequenas nuances. Deste modo, o património de usos valorizados nas idades mais jovens é mantido e ampliado, ganhando maior importância o papel de sujeitos activos, quer nos rapazes quer nas raparigas, nas suas interacções com a internet.

Em relação às actividades classificadas nos três primeiros lugares da lista das mais valorizadas, as raparigas apresentam um espectro de utilizações online um pouco mais amplo (12 para as raparigas contra 9 para os rapazes) e eclético, abarcando usos não mencionados pelos rapazes como concursos online, telefonar via internet, partilhar ficheiros.

Entre os 11-13 anos todos os inquiridos tendem a enfatizar os usos indicados¹¹.

Importa sublinhar que se observa um ascendente maior dos irmãos e primos mais velhos sobre os hábitos online das crianças dos 8 aos 10 anos. Os pais também dispõem de um ascendente essencial, sobretudo nos mais jovens (6, 7, 8, 9 anos), representando para os filhos um exemplo a seguir ou de quem estes recebem indicações e sugestões com agrado e que valorizam. Entre os inquiridos dos 11 aos 13 anos, esse estatuto é agora dividido por irmãos e primos como antes, e sobretudo pelos amigos e colegas, que aqui ganham protagonismo.

11. Excepcionalmente os rapazes enfatizam unanimemente o uso de sIM e chats para comunicar com os amigos de sempre, enquanto as raparigas, sobre o mesmo aspecto, sublinham este uso residualmente.

As Actividades Mais Associadas ao Risco *online*

Ao procurar avaliar a questão do risco online, pôs-se de novo à consideração dos inquiridos as mesmas 15 actividades mediadas pela internet. Neste novo contexto foi-lhes pedido que indicassem quais delas seriam susceptíveis de comportar riscos. A partir dos dados assim reunidos, elaborou-se uma lista dos 10 usos online tidos como mais arriscados.

A entrada em salas de conversação abertas e o download de músicas, filmes, vídeos, jogos ou outros ficheiros ocupam o primeiro lugar na lista das actividades mais receadas. Em relação às salas de chat abertas, existe o pavor dos encontros com desconhecidos, verbalizado por quase todas as crianças. Veja-se a associação de ideias da Patrícia (10 anos): (...) “Por exemplo nós tínhamos 13 anos e havia lá um senhor com uns 40 e então ele pedia a nossa morada para vir ter connosco... Ele... Dizia assim um monte de frases bonitas e depois nós ficávamos todas encantadas; ele vinha cá e depois não era para isso”. O download de músicas, filmes, vídeos etc. é quase unanimemente encarado como prática arriscada, associada à pirataria e actividade ilegal: “Pronto, aquilo dos polícias e internet, podem chegar a apanhar-nos”, observa o André (13 anos).

Segue-se a criação do próprio blogue/página de entrada e a colocação online dos próprios textos, fotos, música na internet, tida como a segunda utilização mais arriscada. Neste âmbito integra-se o hi5, tecnologia da comunicação com uma adesão entusiástica. A sua popularidade não impede contudo que crianças e adolescentes a associem a riscos potenciais, devido à natureza dos dados pessoais colocados nos perfis.

Ler e responder a blogues/páginas de entrada de desconhecidos é uma preocupação especialmente sublinhada pelos inquiridos mais velhos e que ocupa o terceiro lugar na lista geral. Por todos, perpassa o receio de interagir com estranhos com as consequências mais ou menos definidas nos seus discursos mas sempre associadas ao rapto: “A partir do momento em que eu respondo, a pessoa vê o meu ponto de vista, como eu sou, o que acho... Praticamente vê os meus pensamentos ... e ficará pronto para... Tudo pode acontecer...”, declara o Rafael (11 anos).

Em quarto lugar o risco é associado à participação em concursos.

As crianças colocam o download de toques/imagens para o telemóvel no quinto posto dos usos online arriscados. Neste âmbito, quase todos os inquiridos narram episódios reais vividos pelos próprios ou ocorridos com amigos e colegas. A Camila (9

anos), indignada, conta: “Eu não gostei disso porque uma colega minha fez um toque que gostava muito e então a minha colega faz isso e tinha que pagar 4 euros sempre que tinha saldo, todas as semanas; é muito dinheiro. E nem ouvia o toque, não dava o toque”. Esta reacção dá uma noção clara de como os mais novos podem ser vítimas preferenciais da abordagem comercial via online.

No sexto posto surge a pesquisa de informação sobre assuntos que interessam/navegar por diversão e usar o correio electrónico.

As partilhas de ficheiros (de música, filmes, vídeos, jogos ou outros) e de fotos são vistas como actividades relativamente benignas pelos inquiridos; daí que estas utilizações sejam remetidas para o sétimo lugar. As situações arriscadas decorrentes do uso de jogos online são relativizadas; é assim que um dos usos mais populares é remetido quase para o final da lista, o 8º posto. Na nona posição perfila-se ler e responder a blogues/páginas de entrada de amigos, seguida no décimo e último lugar pela pesquisa de informação como parte do trabalho da escola.

Em resumo, do exercício apresentado recolhe-se a percepção de que os riscos mais receados e simultaneamente mais enfatizados por todos os respondentes consistem na entrada em salas de conversação abertas e na leitura e resposta a blogues de desconhecidos. Além disso, por via das conversas desenvolvidas na sequência do exercício em análise verificou-se que as preocupações mais repetidas espontaneamente por crianças e pré-adolescentes dizem respeito a vírus e a contactos indesejáveis com estranhos online e suas múltiplas consequências.

As actividades online menos associadas pelos inquiridos ao risco são a pesquisa na rede para realizar deveres escolares, e o recurso a chats e serviços de mensagens instantâneas, para comunicar com os amigos, assim como os jogos online. Atente-se como estas em particular são actividades muito valorizadas transversalmente.¹²

Uma análise desenvolvida em termos do género permite constatar que, no segmento 8-10 anos, são os meninos que manifestam uma noção do risco um pouco mais forte do que as meninas. Na faixa etária 11-13 anos, a tendência inverte-se e as raparigas passam a dar mostras de uma percepção do risco superior à dos rapazes.

Considerando ainda as variações encontradas a partir da variável idade é perceptível que as crianças mais novas identificam menos riscos: há muitas actividades online com que ainda não contactaram: por essa razão ainda não têm um conhecimento de causa do seu funcionamento e do que possam implicar sob a perspectiva do risco.

12. Curiosamente os maiores e menores níveis de risco identificados através destes dois grupos de usos, são inversamente proporcionais à valorização dada a estes mesmos usos online.

Sendo os mais jovens dos inquiridos iniciados na exploração da rede pelos progenitores e irmãos/primos, estes são determinantes na transmissão de informação sobre o tema em análise. Na faixa dos 11-13 anos, a noção do risco expande-se em termos directamente proporcionais aos usos que se vão somando.

Conclusões

Do cruzamento dos dados fornecidos pelas crianças inquiridas sobre utilizações e riscos online construíram-se dois perfis gerais de usuários da internet:

Um primeiro perfil remete para crianças que fazem uma utilização mais ampla e intensa da internet, aquelas que levam a exploração da rede para lá das oportunidades aceites como seguras e convenientes (sobretudo os pré-adolescentes). Em regra, são também quem transmite uma percepção do risco bastante aguda ao mesmo tempo que dão mostras de saber lidar com os riscos, algo que radica nas experiências protagonizadas.

O segundo perfil associa-se às crianças que exploram menos a rede; normalmente são estas quem manifesta uma noção do risco menos substancial. Este traço faz sobressair a lacuna de uma vivência digital efectiva e que se reflecte na falta de competências para controlar riscos.

Destas caracterizações, e a partir dos demais elementos expostos é possível identificar pistas indiciadoras das vantagens em promover a literacia digital em idades baixas: é pelos 6, 7, 8 anos que a maioria dos inquiridos inicia as suas experiências na rede. São movidos sobretudo pela curiosidade natural e pelos exemplos vindos da família, para além de manifestarem elevada permeabilidade e receptividade a ensinamentos dos mais velhos. Este é pois um momento propício para os pais (e irmãos mais velhos também) assumirem o papel de companheiros dos filhos na exploração da Web. Cabe-lhes franquear o acesso a actividades preferenciais. Devem ainda aproveitar o ensejo e promover a descoberta de outras potencialidades que a internet oferece, estimulando hábitos seguros de utilização e procurando despertar-lhes valências críticas de avaliação dos conteúdos, tirando partido das melhores condições de acesso e uso da internet em casa. Esta relação de partilha de experiências deveria prolongar-se no tempo, adaptando-se às necessidades dos mais novos nas suas relações com o online à medida que as crianças vão crescendo.

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, A. N. (coord.); Delicado, A.; Alves, N. A. (2008), *Crianças e internet: Estudos e representações, a Família e a Escola relatório de inquérito*, Lisboa: ICS
- Bringué, X.; Sábada, C.; García, F. e González, D. (2007), *Infancia y medios de Comunicación, Un estudio aplicado en Castro Urdiales*, Madrid: Fundación Ana M^a de la Lama y Salvarrey
- Cardoso, G. (coord.); Espanha, R.; Lapa T. (2007), *E-Generation: Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*, Lisboa: CIES-ISCTE
- “Crianças e Comunicação online: Pistas Para uma Prevenção Precoce do Risco” <http://www2.fcsh.unl.pt/eukidsonline/docs/TeseMestradoMartaNeves.pdf> By Marta Neves, ISCTE: 2008
- “Crianças e internet – que acesso e usos? Que potencialidades e que riscos dessa relação?” http://www.obercom.pt/client/?newsId=342&fileName=anuario_2005_2006.pdf By Cristina Ponte e Cátia Candeias Lisboa, OBERCOM: 2007
- “El chat y el Messenger: instrumentos de entrenamiento en comunicación para tiempos de incertidumbre y baja atención” <http://www.cibersociedad.net/archivo/articulo.php?art=209> By Roberto Balaguer Prestes, Observatorio para la CiberSociedad: 2005
- Fernández, F. G. (2006), *¿Chateamos? Análisis educativo de esta nueva forma de comunicación*, Civértice
- “UK children go online: balancing the opportunities against the risks” <http://eprints.lse.ac.uk/4035/> By Sonia Livingstone, Media@lse, 2007
- Livingstone, S. (2006) *Children’s privacy online: experimenting with boundaries within and beyond the family*. In *Computers, phones, and the internet: domesticating information technologies*, ed. Kraut, Robert and Brynin, Malcolm and Kiesler, Sara, London: UK Oxford University Press
- Livingstone, S., Bober, M. (2004), *Taking Up online Opportunities? Children’s uses of internet for Education, Communication and Participation*, *E-Learning*, 1 (3): 395-419
- Livingstone, S. (2004), *Children’s Privacy online: Experimenting with boundaries within and beyond the family*, Chapter Robert Kraut (Ed.), *Information Technology at Home*
- Livingstone, S. (2003) *Children’s use of the internet: Reflections on the emerging research agenda*, Sage, *New Media & Society*. 5: 147-166
- “Researching Children’s Experiences online across Countries: Issues and Problems in Methodology” http://eprints.lse.ac.uk/2856/1/D4.1_Report-Methodological_issues.pdf By Bojana Lobe, Sonia Livingstone e Leslie Haddon, The London School of Economics and Political Science, EUKidsonline: 2007
- “Social network sites: Definition, history, and scholarship” http://consommacteurs.blogs.com/files/socialnetworksites_boyd-ellison_2007.pdf By Danah Boyd; Nicole Ellison, *Journal of Computer-Mediated Communication*, 2007
- “Social Networking Websites and Teens: An Overview” <http://www.pewinternet.org/Reports/2007/Social-Networking-Websites-and-Teens.aspx> By Amanda Lenhart e Mary Madden, Pew internet & American Life Project, 2007
- “Towards a safer use of internet for children in the UE – a parents’ perspective “ http://ec.europa.eu/information_society/activities/sip/docs/eurobarometer/analyticalreport_2008.pdf Eurobarometer, 2008
- “UK children go online: balancing the opportunities against the risks” <http://eprints.lse.ac.uk/415/> By Sonia Livingstone, Media@lse, 2007

- Valkenburg, P. M., Peter, J. (2007), Preadolescents' and adolescents' online communication and their closeness to friends, *Development Psychology* Vol 43(2): 267-277
- Valkenburg, P. M., Peter, J (2007), online Communication and Well-being, top paper presented at the 57th annual conference of the International Communication Association, S. Francisco
- Valkenburg, P. M., Peter, J. (2007). online communication and adolescent well-being: Testing the stimulation versus the displacement hypothesis, *Journal of Computer-Mediated Communication* 12(4): article 2.
- Valkenburg, P. M.; Peter, J. J.; Schouten, A. P. (2006), Friend networking sites and their relationship to adolescents' well-being and social self-esteem, *CyberPsychology and Behavior* 9: 585-590
- Valkenburg, P., Soeters K. (2001), Children's Positive and Negative Experiences With the internet, An Exploratory Survey, *COMMUNICATION RESEARCH* 5: 625-675

